



III COLÓQUIO [INTER] NACIONAL
Sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

EXPANSÃO CENTRÍFUGA x RETRAÇÃO CENTRÍPETA: dinâmicas de ocupação do espaço urbano pelas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB)

Gustavo Miranda

Arquiteto e Urbanista e mestre pelo MDU/UFPE, Professor do curso de Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e da Faculdade do Vale do Ipojuca – FAVIP, pesquisador do LATTICE/UFPE – Laboratório de Tecnologias de Investigação da Cidade
arqgustavomiranda@hotmail.com

Circe Monteiro

Arquiteta e Urbanista, Professora Titular do curso de Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano/MDU – UFPE, pesquisadora-chefe do LATTICE/UFPE – Laboratório de Tecnologias de Investigação da Cidade
monteiro.circe@gmail.com

Sessão 3: Do espaço da troca ao espaço do consumo. Arquitetura para as atividades de comércio e serviços e sua relação com a cidade.



EXPANSÃO CENTRÍFUGA x RETRAÇÃO CENTRÍPETA: dinâmicas de ocupação do espaço urbano pelas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB)

São diversos os aspectos que podem ser investigados em um estudo sobre feiras livres, contudo os aspectos configuracionais desses espaços (ou seus os padrões espaciais) são quase sempre negligenciados. Os estudos que mais se aproximaram de investigações desta natureza foram os realizados por Azinzadeh (2003) e Nejad (2005) nos bazares iranianos. Com exceção desses, pouco ou quase nada foi desenvolvido. Assim, a carência de investigações sobre padrões de ocupação do comércio informal no espaço urbano serviu de incentivo para o desenvolvimento deste trabalho.

Além disso, a diversidade encontrada em uma feira livre também favorece a um constante processo de mutação a certas regras de disposição no espaço, de tamanho, materiais, dentre outras, mas também responde a condições encontradas a cada dia. Se mais cheio ou mais vazio, as diferentes atmosferas nas feiras permitem diferentes tipos de padrões de movimento. Portanto, este trabalho tenta identificar que os padrões de ocupação espacial das feiras de Campina Grande e Caruaru não seguem um mesmo modelo.

O estudo de um fenômeno complexo como a feira, sua inserção e reflexo nas atividades de um centro urbano, indica a necessidade de utilização de diversas metodologias de pesquisa. Em perspectiva, que foge da rigidez da adoção de uma ou outra postura epistemológica e que se beneficia da triangulação de dados provenientes de diversos instrumentos, este trabalho é proveniente de uma dissertação de mestrado que procurou identificar metodologias que melhor se posicionassem para captar a essência dos fenômenos observados.

Procurou-se identificar, então, diversas metodologias que saíssem da rigidez da adoção de uma ou outra postura epistemológica, além de serem escolhidas aquelas que melhor captassem a essência dos fenômenos observados. Neste sentido, foram escolhidos procedimentos diversos para serem desenvolvidos, como o estudo de caso entre as feiras de *Caruaru (PE)* e de *Campina Grande*

(PB) (figuras 1 e 2), pesquisas bibliográficas e fotográficas, entrevistas com feirantes e usuários, além de observação *in loco* dos fenômenos espaciais.



Figuras 1 e 2: Área com as delimitações das feiras de Caruaru e Campina Grande, em 1995 e 2009, respectivamente. Fontes: Acervo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru e Google Earth.

1. As diferentes dinâmicas na interface feira-cidade

Ambas as feiras de Caruaru e Campina Grande vêm passando atualmente por processos bem próprios de ocupação do espaço urbano e que têm reflexo quase que imediato na relação feira-cidade. Isso de certo modo tem a ver inicialmente com a dinâmica de comércio, pela busca por um número maior de vendas e de um aumento na renda desses feirantes. Conseqüentemente, há um reflexo espacial, seja na necessidade da retomada do espaço das ruas seja pela necessidade de sobreviver frente às ameaças da competição com o comércio formal.

Deste modo, por se tratarem de duas feiras com características tão diferentes, é importante ter em mãos os mesmos instrumentos de leitura da dinâmica urbana para ambas as feiras. E utilizando-os, observou-se que elas passam atualmente por processos distintos de ocupação do território das cidades.

Enquanto que a feira de Campina Grande está sofrendo uma diminuição em seu tamanho, a de Caruaru atravessa uma fase inversa, porque seu interior está perdendo feirantes e movimento de pedestres, ao mesmo tempo em que o

entorno recebe cada vez mais comerciantes informais, movimento de compradores e atividades formais.

Mas por que isso acontece? Diferentes respostas para cada caso são possíveis, e muitas deles serão apresentadas e exploradas neste trabalho.

1.3.1 A feira campinense e o processo de retração centrípeta

Em Campina Grande, durante muitos anos a feira esteve situada em uma das vias mais acessíveis do tecido urbano, mas devido a intervenções municipais foi retirada desse local, especialmente na década de 90. Esse comércio informal cresceu e se desenvolveu no centro, como em muitas cidades nordestinas que tiveram seus inícios através de feiras. Mas em Campina Grande assim como em Caruaru, muitos contratempos aconteceram no desenvolvimento das cidades e que transformaram a presença das feiras no centro quase que insustentável devido aos conflitos espaciais e infra-estruturais (engarrafamentos, queda na mobilidade de pedestres e falta de limpeza, para citar alguns mais graves).

Ocorreu também uma forte pressão do comércio formal consolidado e próximo a ela. Segundo Costa (2003) e relatos dos próprios feirantes, na década de 90 um grande supermercado que estava prestes a funcionar próximo ao antigo local onde se situava a feira central na Avenida Floriano Peixoto (figura 4 – destaque 1), uma das mais importantes da cidade, passou a fazer *lobby* e pressão junto ao governo municipal para que ela fosse restringida ao espaço onde se encontra atualmente, a fim de não atrapalhar as vendas do supermercado, já que os produtos da feira eram mais baratos. Como consequência natural, após a restrição do funcionamento na avenida Floriano Peixoto, ela foi perdendo comerciantes e passou a diminuir de tamanho, aproximando-se do núcleo da feira, que é o mercado central de carnes (setas azuis - figura 5). Tal processo, iniciado naquela época, é

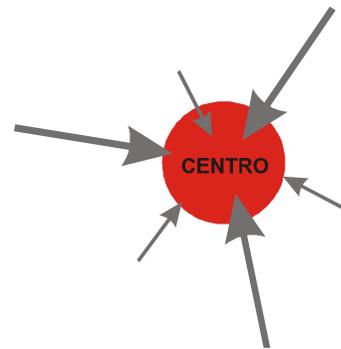


Figura 3: Esquema da retração centrípeta

chamado aqui de retração centrípeta, definida como uma retração que tende a “se dirigir ao centro, que procura aproximar-se dele” (HOLANDA, 2004) (figura 3)

Entretanto, essa retração está novamente presente na dinâmica espacial atual da feira, o que tem como consequência o *esvaziamento interno*¹ de vários pontos da feira. Um dos espaços que mais sofrem atualmente com grandes áreas vazias é a rua Capitão João de Sá (área 2 – figura 5), onde apenas metade das barracas da feira de animais vivos funciona aos sábados. Nela, o movimento de pessoas é quase inexistente durante a semana, porém, nesses dias aumenta consideravelmente, cerca de 4 vezes em relação aos outros dias. (figuras 6 e 7)

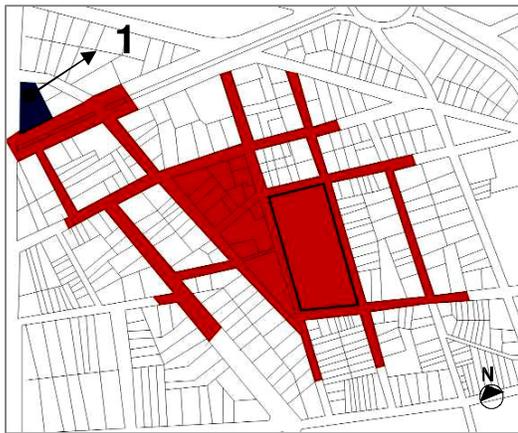
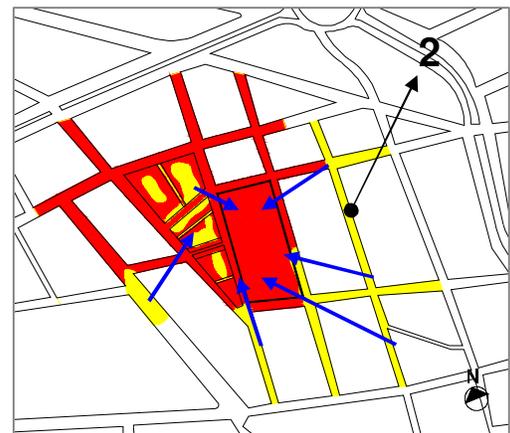


Figura 4: Mapa com ocupação da feira na década de 90, com o supermercado em destaque (1).
Fonte: Relatos orais.



0m 50m 150m 300m

Área com processo de esvaziamento interno
Área com atividades da feira

Figura 5: Mapa síntese dos processos de retração centrípeta (setas azuis) e de esvaziamento interno (áreas em amarelo) da feira de Campina Grande. Fonte: Gustavo Miranda, 2009



¹ Este processo vem acontecendo atualmente em muitas feiras livres e é resultado, dentre outros motivos, do fraco movimento de pessoas dentro das feiras e da saída de inúmeros feirantes para ruas do entorno das mesmas.

Figuras 6 e 7: Em um mesmo trecho, há algumas barracas funcionando em dia de semana e em pleno funcionamento na feira de animais vivos, aos sábados, em Campina Grande. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

O processo de esvaziamento interno foi causado por alguns motivos detectados nas visitas à feira, no acesso a dados oficiais e nas conversas com feirantes. Dentre os mais relevantes estão:

- A queda do número de vendedores que existiam trabalhando na feira em na década de 90. De mais de 5 mil feirantes, para um pouco mais de 2 mil atualmente;
- A diminuição do número de usuários em alguns trechos da feira, especialmente aos sábados, onde barracas ficam abertas, mas recebendo poucos fregueses;
- Conseqüentemente, a queda na abrangência regional da feira. Ela continua recebendo usuários de pontos distantes do Estado, mas de locais mais próximos à Campina Grande do que anteriormente;
- A ausência de um setor “ímã” dentro da feira. Se houvesse, as atividades poderiam ser diversificadas, arrebatando clientes de diferentes regiões, voltando a dilatar a importância regional dessa feira;
- Existência de barracas fechadas, servindo apenas de depósito ou mesmo de “residência” para alguns feirantes (figura 8);
- O crescimento das feiras de bairro, apontado como um dos pontos mais fortes que causam a diminuição física da feira central e a saída de comerciantes para trabalharem nessas outras feiras livres,



Figura 8: Corredor entre barracas junto a bares na feira de Campina Grande. Essas barracas servem como depósito. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

especialmente aqueles que comercializam frutas e verduras. Uma das que se tornaram mais fortes com o tempo pela chegada de comerciantes advindos do centro foi a feira do Prata, um dos bairros da cidade;

- E, por fim, a mais forte consequência gerada por todos esses motivos e que implicou invariavelmente no esvaziamento interno da feira central: o fator financeiro, com a diminuição das vendas e da arrecadação dos feirantes.

1.3.2 A feira de Caruaru: expansão centrífuga e esvaziamento interno

Durante o processo de coleta de dados fotográficos, confirmados na pesquisa de campo, percebeu-se que a feira de Caruaru havia iniciado um interessante movimento de transformação da ocupação do Parque 18 de Maio, especialmente do ano 2000 para cá, como mostrado por Miranda (2008). Os comerciantes informais que trabalham com confecções passaram a buscar o entorno próximo ao Parque (figura 9). Tal processo é confirmado por van Nes (2005), que afirma que os vendedores procuram uma locação ideal como essa para alcançar o maior número de consumidores possível com o propósito de maximizar os lucros.

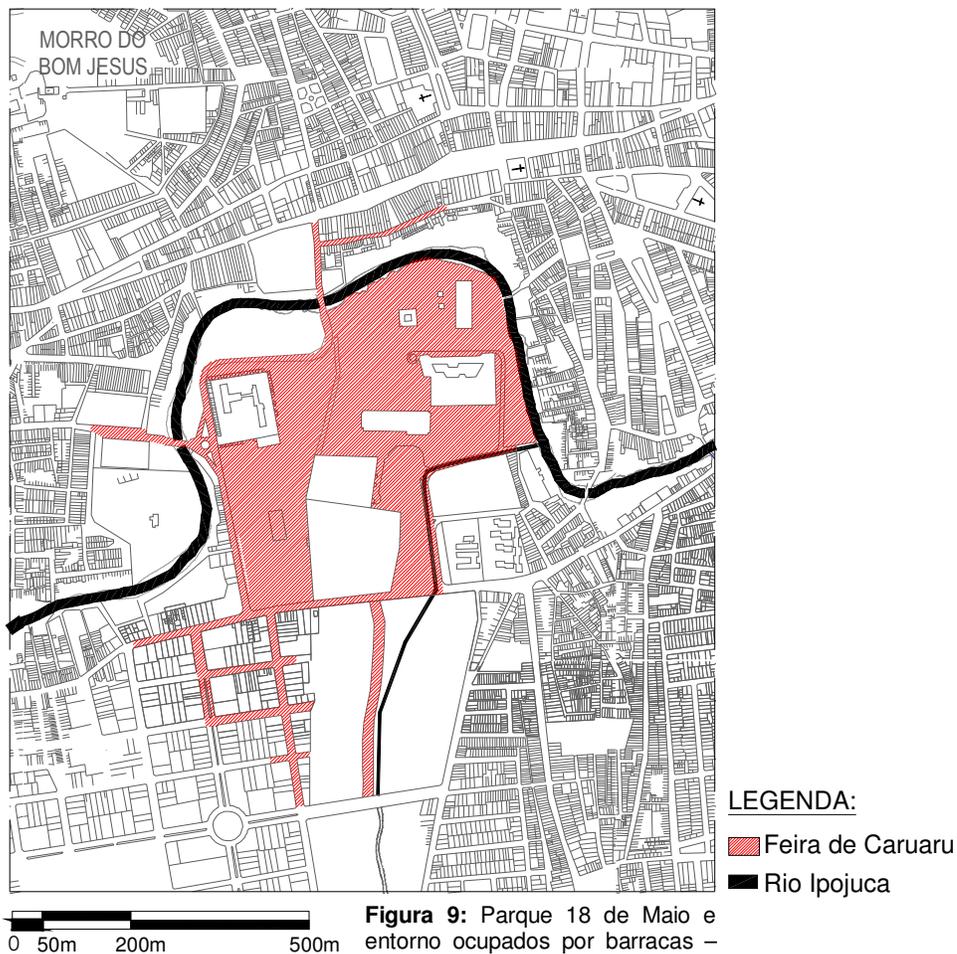


Figura 9: Parque 18 de Maio e entorno ocupados por barracas – 2007. Fonte: MIRANDA, 2008.

Assim, a dinâmica espacial com uma movimentação em busca de mais vendas e visibilidade é chamada neste trabalho de *expansão centrífuga* (figura 10), tendo como o “centro” o interior do Parque 18 de Maio.

Essa denominação se baseia na associação de uma dinâmica espacial (crescimento) com uma característica dessa expansão, ser centrífuga, ou seja, esse crescimento da feira “tende a se afastar do centro” (HOLANDA, 2004) do Parque 18 de Maio, pois os feirantes perceberam que na rua a exposição do produto e a visibilidade apresentada são maiores.

E as vendas realmente reverteram a tendência de queda, principalmente nos setores mais acessíveis ao público. Um dos exemplos mais contundentes é a *sulanca*, pois a movimentação de valores atualmente gerados pela feira como um todo chega só na parte de Artesanato a 20 milhões de Reais em média na baixa estação, e na *Sulanca*², 22 milhões, atraindo até 100.000 pessoas nos meses de junho e dezembro (tabela 1), transformando-se, assim, no principal referencial econômico da feira de Caruaru.

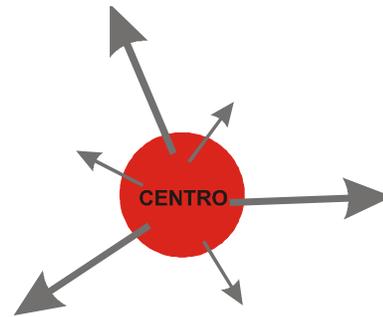


Figura 10: Esquema do crescimento centrífugo.

<u>Setor da feira</u>	<u>Nº de comerciantes</u>	<u>Nº de compradores</u>	<u>Valor comercializado 2007 (em média)</u>
<i>Sulanca</i>	12000 +10000 invasores	100.000/ feira em alta estação ³ 35.000/ feira em baixa estação	<u>22 milhões/semana</u>
<i>Artesanato</i>	400	10.000/semana	<u>20 milhões/ baixa estação</u> <u>40 milhões/ alta estação</u>

Tabela 1: Dados das feiras de *sulanca* e de artesanato - 2006
Fontes: MIRANDA, 2008

² Este segmento surgiu na década de 60, atuando no mercado de produtos populares de baixo custo, a partir do aproveitamento de sobras de tecidos de malha (*helanca*) vindos das indústrias dos sul do país, originando assim o nome *Sulanca*.

³ A *alta* ou *baixa estação* são períodos onde os feirantes tendem a ter uma variação das vendas de seus produtos. Assim, para eles a *alta estação* se dá nas festividades de São João (em junho) e fim de ano (dezembro). Todas as outras feiras são consideradas de *baixa estação*.

Porém, esse crescimento para as bordas do Parque 18 de Maio é seguido de um processo de esvaziamento interno da área da feira (figura 11 – áreas amarelas). Isto só acontece porque muitos daqueles feirantes que estão situados hoje nas ruas são aqueles que deixaram de trabalhar no meio da feira, o que, de certa forma, trazia ocupação das barracas que hoje estão desocupadas, movimentação de pessoas, uma maior vigilância social e uma sensação de segurança atualmente rara.

Mas também outros fatores corroboraram para o espalhamento da feira no entorno e o surgimento de áreas subutilizadas no interior do Parque, porém o principal deles é a falta de uma gestão mais atuante do espaço de feira, pois, do contrário, a grande maioria dos conflitos citados abaixo não existiriam, ou se acontecessem, apareceriam em menores proporções. Assim, os principais conflitos detectados são:

- As ruas são vitrines para a venda de produtos, o que naturalmente atraiu cada vez mais comerciantes, especialmente os sulanqueiros. A partir daí, o comércio formal também foi aos poucos se concentrando nas ruas e edificações a oeste e a sul da feira de Caruaru, ao lado da sulanca. Entretanto, essa ocupação das vias traz a cada feira engarrafamentos e queda na mobilidade, principalmente àqueles que querem sair do centro para a parte sul da cidade e vice-versa (figura 12);

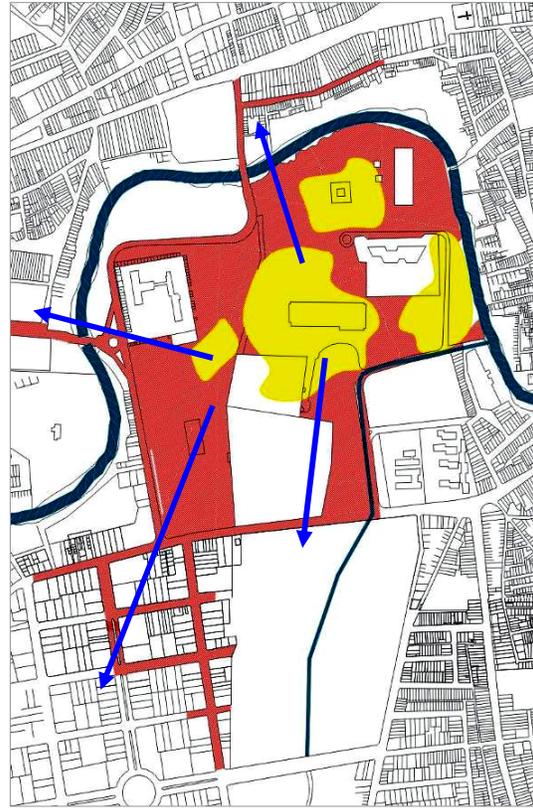


Figura 11: Representação do crescimento centrífugo (setas azuis) e do processo de esvaziamento interno (manchas em amarelo) na feira de Caruaru. Fonte: Gustavo Miranda, 2009.

- Relaxamento da fiscalização do comércio informal nas vias de entorno do Parque, permitindo a saída de muitos comerciantes informais para as ruas e a chegada de outros no entorno do Parque;
- A falta de acessos por vias que pudessem “alimentar” o interior do Parque com mais afluxo de pessoas. Na discussão anterior sobre acessibilidade, mostra-se claramente que muitas áreas internas do Parque sintaticamente já possuem baixa integração, o que é refletido na utilização desses espaços (figura 13);
- Falta de infra-estrutura interna como iluminação, rede de água e de esgotos, banheiros públicos, drenagem e limpeza urbana, só para citar alguns, que levam à fuga dos compradores (figura 14);
- Existência de muitas áreas que estão encobertas visualmente por edifícios que compõem o funcionamento da feira, como os mercados de carne e de farinha, gerando uma baixa permeabilidade visual, além da proximidade das barracas gerando um campo visual pequeno (figura 15);
- Falta de sinalização turística indicativa que possa levar compradores para o interior da feira, associada à baixa permeabilidade visual existente. A ausência de informações visuais de fácil assimilação a quem não conhece o espaço dificulta saber que existem outros setores mais para o interior do Parque 18 de Maio. Esta ausência foi detectada por 5% dos entrevistados. A feirante Maria Elisa Santos relatou que alguns turistas se surpreenderam com a existência de outras áreas internas da feira de Caruaru, pois não havia sinalização (figura 16);
- E, por fim, esses fatores associados passaram a gerar um forte sentimento de insegurança, confirmado com o elevado número de assaltos a feirantes/usuários e roubos de mercadorias, segundo relatos dos feirantes. Como consequência da falta de policiamento mais ostensivo, assaltos acontecem constantemente, amedrontando tanto feirantes quanto usuários. Um dos exemplos dessa insegurança foi relatado pelos feirantes em uma das idas à feira para pesquisa de campo. Muitos deles afirmaram que em

um fim de semana anterior aconteceu um assalto no meio da tarde, onde 3 ladrões entraram armados em uma das barracas de confecções permanentes e colocaram clientes e vendedores dentro de um dos provedores da loja. Depois, levaram uma grande quantia em dinheiro sem nenhum outro comerciante vizinho perceber. Isso só gerou mais receio dos feirantes em continuar dentro do Parque.

A maioria dos entrevistados, 38%, reclamou da forte sensação de insegurança gerada especialmente pela falta de policiamento. Como constatado na figura 17, um dos postos de policiamento estava fechada no meio da manhã. Já em dias de feira de sulanca (maior movimento), o contingente é aumentado para 30 policiais (JORNAL VANGUARDA, 2007) ainda insuficientes para cobrir uma área de mais de 150 mil m², isto é, uma relação de 1 policial para cada 5.000m², isso significa que 1 policial tem de cobrir sozinho uma área equivalente a quase um campo de futebol. Outra comparação possível seria da patrulha de 1 policial para cada grupo de 3.335 pessoas⁴, relação baixíssima para uma feira onde mais de 50 mil pessoas a visitam por semana.

⁴ A quantidade de pessoas utilizada para esse cálculo foi uma média de 50 mil., em dia de sulanca.



12



13



14



15



16



17

Figuras 12 a 17: Imagens dos conflitos existentes na feira de Caruaru. Todos eles como causa e consequência do crescimento centrífugo e do esvaziamento interno.
 Fontes: Gustavo Miranda (todas, exceto a 13), 2009. e Roberto Silva – PMC, 2002..



Então, ao se considerar a feira de Caruaru como uma estrutura viva, um organismo, por exemplo, a partir de todos os indícios que levaram a esse crescimento e expansão espacial com conseqüente *esvaziamento interno* de várias áreas do Parque 18 de Maio, seria possível diagnosticar que esse processo é quase processo pode ser comparado a um “câncer” para a feira, que deve ser combatido por seus efeitos nefastos no tecido, como a própria figura 11 deixa evidente. O emprego deste termo é baseado na definição apresentada por Holanda (2004) e tomada de empréstimo para explicá-la: “qualquer aumento de volume desenvolvido em qualquer parte do corpo”, pois partes dela estão crescendo quase que sem controle enquanto outras estão “morrendo”. Todos esses argumentos só deixam claro que ações urgentes devem de ser tomadas através de um gerenciamento eficiente da feira para que se controle a expansão desordenada e o esvaziamento do interior do Parque 18 de Maio

1.4 Ações e reações na dinâmica espacial das feiras

Examinando o papel das feiras objeto de estudo no tecido urbano de cada cidade, percebeu-se que de um modo ou de outro elas ainda demonstram que possuem um contato permanente com o espaço urbano das cidades. Exemplos fáceis de serem vistos são a ocupação das ruas e chegada de novos feirantes em Caruaru ou a saída de outros com o enfraquecimento das funções de feira, em Campina Grande.

Isso ficou claro com as observações, que mostraram que a dinâmica de funcionamento está totalmente envolvida pelo fluxo e movimentação de pessoas, ou pela falta deles. Deste modo, as diferentes dinâmicas espaciais e as distintas formas de ocupação do território tornaram possível a classificação das duas feiras segundo os critérios acima mencionados, gerando, a partir da dinâmica espacial, os conceitos de *retração centrípeta* e *expansão centrífuga*.

Entretanto, também foi possível mostrar que um processo evolutivo, de adaptação ou mesmo de regressão são modos de reação a uma necessidade iminente. E as feiras de Caruaru e Campina Grande passaram ou ainda passam por situações



como essas, expandindo-se, como em Caruaru, ou retraindo-se, como em Campina Grande, ficando claro que a adaptação do funcionamento surge pela busca de mais rentabilidade e lucro, alvo primário de qualquer comércio. Porém, isto traz consigo muitos conflitos, como a falta de uso em algumas áreas, baixa mobilidade no espaço, difícil inteligibilidade dos espaços e sensação de insegurança, apenas para citar alguns deles.

Entretanto, mesmo com tudo isso, é notório que ambas as feiras ainda têm o poder de gerar padrões de movimento, de atrair grandes fluxos de pessoas, de receber novos usos e de potencializar o desenvolvimento do espaço urbano. E a busca por novos modos de relação com o território é concreta e clara a partir do momento em que as feiras exploram o espaço urbano da melhor maneira possível, já que suas ações são respostas a um contexto de necessidades iminentes.

Portanto, propôs-se a evidenciar neste trabalho que, para ambas as feiras, a experiência do lugar e como elas se dispõem no espaço são partes indissociáveis da sua imagem e que a dinâmica de um processo evolutivo é composta por movimentos, tanto de crescimento como de involução, de adaptação ou mesmo de transgressão. E as feiras de Caruaru e Campina Grande refletem estes processos no espaço urbano de formas distintas, atuando significativamente sobre a vida das cidades.



Principais referências bibliográficas

AZIMZADEH, Mir. Survival of bazaars: Global spatial impact and local self-organising processes. In: **Proceedings - Fourth International Space Syntax Symposium**, HANSON, J. (org.). Londres: UCL, 2003.

COSTA, Antônio Albuquerque. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a Feira de Campina Grande na interface desse processo**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2003, 230p.

FADE. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. **Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano**. Recife: 2003, 84p.

FEIRA de Caruaru agora é patrimônio Imaterial. Jornal Vanguarda. Caruaru, 30 de dez. de 2006 a 5 de jan. 2007.

FIGUEIREDO, Lucas. **Linhas de continuidade no sistema axial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2004, 104 p.

GUGLIELMO, Roberto de. **Feiras e mercados brasileiros**. São Paulo: Editora Fólio, 2005. 158 p.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da Língua Portuguesa – século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2002, 1600 p.

LYONS, Michael; MBIBA, Beacon. **Development and Management of markets and street tradings: a good practice manual**. Londres: London South Bank University, 2003, 48p.

MAIA, Doralice Satiro. **As feiras: lugar de mercado e de encontro – um registro das observações feitas em feiras de cidades brasileiras e portuguesas**. In: *Encontro Paraibano de Geografia*, 3, 2006, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006. v. 1. p. 1-15.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira-livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Geografia, 1991.

_____. **Feiras livres: informalidade e espaços de sociabilidade**. In: *Colóquio Internacional Comércio, cultura e políticas públicas em tempos de globalização*, 1, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: [s.n], 2005, 10p.

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas**. Brasília: PPG/FAU/UnB, 2006. 519p.

MIRANDA, Gustavo. **A feira que se fez cidade... - investigando limites e potenciais de uma relação espacial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2005. 110p.



_____. **A cidade e a feira no tempo: perdas e ganhos no processo de relocação da feira de Caruaru.** In: *CinCCi – Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: Uma relação de origem*, 2, 2008, São Paulo. Anais.... São Paulo: USP, 2008.

NEJAD, Reza Masoudi. Social Bazaar and Commercial Bazaar: Comparative Study of Spatial Role of Iranian Bazaar in the Historical Cities in Different Socio-economical Context. In: **Proceedings - Fifth International Space Syntax Symposium**, van Nes, A.(org.). Delft: TU Delft, 2005.

NEVES, André Lemoine. **Estudo Morfológico de Cidades do Agreste Pernambucano – Séculos XVIII e XIX.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2003. 122p.

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: Permanência e Mudança.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. (Tese) Doutorado em Geografia Humana. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/geografia/>>. Acessado em: 29 jul 2007.

REYNDERS, Peter. **When the street market supports the shopping centre.** Australia. Disponível em <<http://old.openair.org/cyjour/reynders.htm>> Acessado em 30 jul 07